



TIPO DE BELEZA — UMA FORMOSA DAMA DE VIENA D'AUSTRIA

N.º 325 Lisboa, 13 de Maio de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL COLONIAS  
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano. 4800 — Semestre. 2500 — Trimestre. 18200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



..... E OS SABIOS, SURPREHENDIDOS, CONSTATARAM QUE NÃO  
FOI A LUA MAS SIM UM TUBO DE

# Comprimidos BAYER de Aspirina

QUE PRODUZIU O ECLIPSE DE 17 DE ABRIL!!!!!!!

# Uma manhã no bosque de Boulogne



1—Na avenida de Longchamps: o «rendez-vous» matinal do Paris mundano 2—A madrugada. 3—Os cães de luxo no Bosque.



O Bois tem mais uma avenida, o Sentier de la Vertu.

É uma larga arteria como todas as outras com as suas arvores, as suas sombras, a sua estrada branca, por onde nas manhãs galopam as amazonas e os cavaleiros. As amazonas, n'uma evocação do passado, recordando Luiz XV e o Parque aux Ceris em plena agitação do caso Bonnot, apareceram de tricorne negro. Paris, n'estas manhãs d'oiro, vê-as passar assim.

A parisiense, quando vae ao Bois como quando vae a Au-

teuil ou á Opera, gosta que se saiba da sua nacionalidade e por isso nenhuma mulher como ela para as coisas bizarras, para as petulancias audaciosas em que ha modernismo nas evocações, embora isto pareça um paradoxo.

A volubilidade franceza que faz d'uma tragedia o successo d'algumas horas, que discutiu Ravachol e os seus principios n'um dia e Boulanger, com as suas conjuras, n'uma semana, que muda com frequencia o cenario das suas sensações, adorando hoje um capuchinho prégador, amanhã um anarquista milionario como Fromentin, só não se mostra em toda a sua força n'este habito de ir ao Bois. Diante d'aquelas arvores, d'aquella sociedade que passa, d'esse *rendez-vous* tacito das celebridades, a volubilidade franceza chama-se persistencia.

Ir ao Bois é como ser iniciado. Vão as grandes damas imperialistas e monarchicas nas suas carruagens brazonadas, com os seus manteletes de rendas e os sorrisos só para a gente da sua roda, onde todavia já se vão admitindo alguns grandes artistas, alguns politicos e alguns... banqueiros judeus, evocando aquele lindo começo da *Primerose* no castello de Plelan, quando o mordomo diz ao reporter mundano:

«Ha quatro seculos n'este castello, ao som das trompas de caça, estavam sendo queimados quatro judeus; hoje tambem cá estão quatro israelitas mas com a differença que são convidados do sr. conde.»





1—Uma equipagem de luxo. 2—Uma bela amazona.  
3—Um cavaleiro na Avenida de Longchamps. 4—Um  
recanto de Longchamps.



E' assim mesmo. Só muito raramente se fica no purismo aristocratico, e por isso, quando se diz o mundo das duquezas, evoca-se sem querer o mundo de toda a gente celebre, rica ou fidalga.

O Bois vê passar essas grandes damas, mas vê passar tambem as grandes cortezãs, aquelas cujos nomes são como um hino de volupia n'esta cidade de luxo. E' o deslumbramento do ouro e dos brilhantes, dos fios de perolas; é o *tam tam* dos escandalos de reis e de nabobos que passam nas lindas victorias pelas manhãs do Senti-r de la Vertu. Que ironia. Não ha realmente cidade mais ironica.

Para um reflexivo, essas nuvens doiradas que passam e tem já um ar de legenda, lembram tambem paginas singulares, aquelas em que Zola faz perpassar a velha cortezã





1—Outra equipagem de luxo. 2—O passeio a pé no Bosque. 3—Uma galopada. 4—Diante do pavilhão chinês.

Inna, com a sua cabeleira branca, no fundo d'um parque quasi régio, direita para a capela n'uma manhã de domingo, por entre as venias dos camponeses.

E' que o Bois, por onde todo o Paris que tem um nome desfila nas manhãs, é como um verdadeiro campo de revista das celebridades que entram depois nos livros, embora com nomes supostos e muitos na historia.

O Bois viu Napoleão III e essa, então, linda imperatriz Eugenia entre as escoltas do regimento de guias todas cintilantes d'oiro passando entre os respeitos universaes; viu os alemães e viu a guerra.

Em vez de carruagens peças d'artilharia que rodavam pesadamente.

D'ai a anos, porém, via Mac-Mahon feito presidente da republica na sua sua pompa de velho guerreiro e via Rochefort regressando do exilio e atirando á face do chefe do Estado, de carruagem para carruagem, os olhares iracundos e os formidaveis insultos.

Depois viu os reis, os principes, os poetas, todos os que visitam Paris e não deixam de ir ao Bois





por estas lindas manhãs de rendez-vous mundano, elegante e tacito.

Mais do que nunca o Bois é um campo neutro onde as mais diversas, as mais antagonicas, as mais diversas celebridades vão mostrar-se nas suas tradicionaes manhãs.

Quando toda aquela sociedade desaparece sucede que ás vezes as arvores do Bois veem passar outros trens, até fiacres, carruagens modestas conduzindo vultos masculinos vestidos de preto, mulheres garridas entre as quaes destacam vestidos

brancos de noivas. Tudo aquilo muito grave, muito emperdigado,

com um grande ar, como dizendo ás arvores que tambem teem direito ás suas sombras, dá as suas duas ou tres voltas na avenida.

São bodas; são noivos, gente que só vae ao Bois de caruagem no dia do casamento.

Na sua mente aquellas voltas na grande avenida dos ricos, fica sendo uma eterna recordação como nas dos pobres, que vão uma vez ao teatro, o que lá viram fica sempre a cantar nos seus ouvidos, a perpassar diante dos seus olhos.

Vão agora as bodas, depois das celebres, dos grandes e dos ricos, passear no *Sentier de la Vertu*.

V. Tagilde.

O general de Castelnau chefe do estado maior passeando no Bosque.

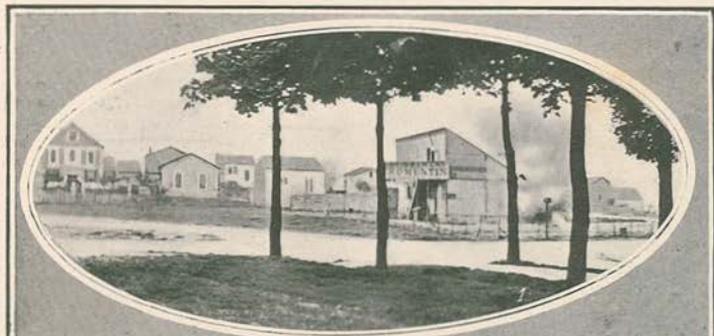
2—As passeantes da alea das Virtudes.  
3—As amazonas e os seus cães.  
(Clíchés Dellius)



# FIM TRAGICO DE BANDIDOS

rios, aqueles ou-  
sados contendo-  
res. Um leve fio  
está nas suas  
mãos; a caçada  
vae recomçar.

Um pobre  
chauffeur queixa-  
se de que na floresta de Senart  
tres desconhecidos lhe rouba-  
ram o seu auto-  
movel, depois de  
lhe deitarem pi-  
menta nos olhos.  
O carro apare-



1—A explosão dos cartuchos de dinamite.

Nonosso tempo de tantos progressos, Paris, com os seus bandidos, relembra um canto medievo da velha Lutecia, quando os bandos armados faziam colheitas á luz do dia sem medo de se tornarem os frutos dos madeiros secos, das forcas dos senhores prebostes.

O seculo XX trouxe o automovel; o ladrão serviu-se logo do automovel. O bando tragico, cujo chefe acaba de ser morto, começou por explorar o genero com o crime da rua d'Ordoner para depois dar um grande brado com a cena rocambolesca de Chantilly. No recanto d'uma floresta assaltam os *chauffeurs* d'um carro magnifico, tomam-n'o, conduzem-n'o até á vila onde entram em pleno dia, com as lojas abertas, as oficinas funcionando, os empregados nas suas repartições. Com uma audácia sem par galgam as escadas d'uma casa de credito, a agencia da Société Générale, matam um empregado, ferem os outros, saqueiam a caixa e partem. D'ai a pouco o automovel aparece abandonado; não se sabe dos bandidos, apesar de todas as buscas da policia. Descobre-se a custo que um tal Bonnot é um chefe terrivel, forte e decisivo; o outro é Garnier, o seu logar-tenente. Em todos os meios, mas, sobretudo, nos libertarios, os procuram sem resultado. Descubrem que Bonnot se refugiou em Ivry. A policia vae prendel-o. O inspetor Jouin e o agente Colmar surpreendem-n'o; trava-se uma luta, rolam por terra os tres corpos. O outro agente que chega vê Colmar ferido, Jouin morto; o bandido parece morto tambem, mas quando o veem buscar não o encontram. Bonnot fugira. Não lembra tudo isto uma pagina sensacional do Rocambole? Não se evoca sem querer Terrail e Gaboriau?

A policia lança-se em novas perseguições. Procura, pesquiza, anciosa de derrotar aqueles terriveis adversa-



2—Outro aspecto da explosão. 3—Civis e militares na caçada aos bandidos. 4—Os primeiros tiros em resposta aos dos bandidos. 5—O tenente Fontan seguindo atrás da carroça, o balunete graças ao qual pode colocar a sua bomba de dinamite para fazer saltar a «garage»



ceu abandonado. Todas as suspeitas recaíram ainda sobre os audaciosos bandidos. De traço em traço chega-se á conclusão que o automovel servira para

engenharia, a policia, os municipaes: aparecem o prefeito da policia, os officaes e faz-se fogo para a *garage* onde ele está refugiado em companhia do guarda da casa, o anarquista Dubois. De lá responde-se; o ataque é rijo mas a defeza singular. Então o tenente Fontan vae colocar uma bomba de dinamite perto da *garage*, põe-lhe o rastilho. Parece ser aquilo legitimo na guerra com libertarios. A casa vóa em estilhaços e as autoridades correm para lá na ancia de os prenderem. Dubois está morto; Bon-



conduzir Bonnot, de Senart a Choisy le Roy, um burgo onde o milionario anarquista Fromentin tem a sua moradia, o Ninho Vermelho e onde se acolhem os libertarios que ele protege.

Era realmente ali que se encontrava. Mas Bonnot tem uma fama terrivel; é um bravo, é um habil. Já matou autoridades; está fóra da lei. Não se vae prender, vae-se caçar. Mobilisa-se então a



1—O prefeito da policia (1) o sr. Gulchard e Tonny (2 e 3), conforenciando com o tenente Fontan antes do assalto 2—O tenente Fontan, que dirigiu o assalto 3—Bonnot, terrivelmente ferido, é conduzido para o automovel onde expirou 4—Em Paris: a multidão rodeando o automovel que conduzia o corpo de Bonnot



1—Os guardas municipais atirando detraz das trincheiras contra a «garage», dirigindo o fogo o sr. Guichard que está de costas no ultimo plano, 2—O cadaver do anarquista Dubois. 3—Os civis abrigados por detraz das arvores fazendo fogo para a «garage» 4—A «garage» depois da explosão.

not, o terrível, vive  
afado, apesar de  
ferido com do-  
ze balas na ca-  
beça, no pei-  
to e na  
omopla-  
tadirei-

volver, dispara quatro vezes e prostra-o.  
Só assim o agarram para o levarem  
até ao automovel onde expira es-  
se terrível chefe de bandidos  
que tantas aventuras teve  
na sua curta vida.

logico n'este drama te-  
nebroso, para aca-  
bar d'uma maneir-  
a natural estas  
cenas que  
lembram  
pagina  
s arranca-  
das

Parece que tudo  
serenou. A gui-  
lhotina não  
trabalhou  
mas o



ta. A'  
vista dos  
agentes faz  
fogo e então  
o sr. Guichard,  
chefe de policia,  
aponta o seu re-

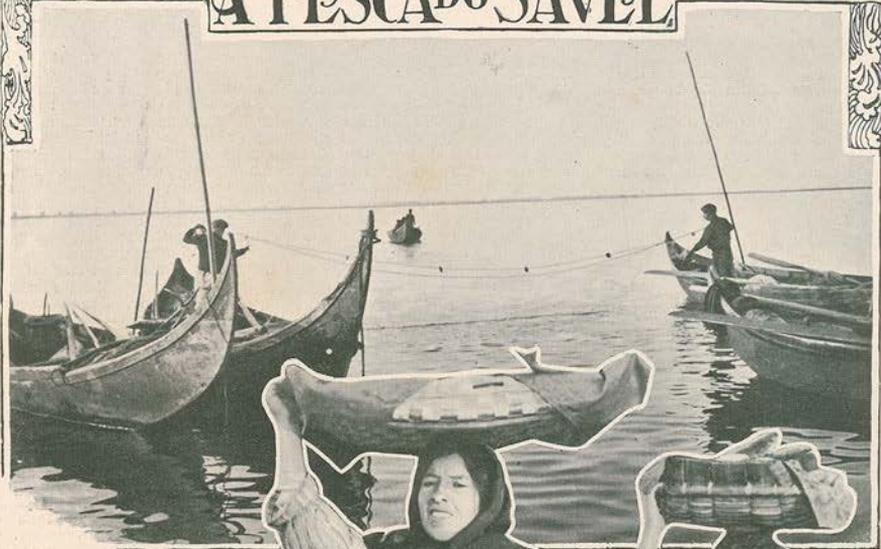
exem-  
plo foi ter-  
rível. Ha, po-  
rém, ainda em li-  
berdade, o outro che-  
fe, Garnier, a quem a po-  
licia procura para pôr um fim

das in-  
verosimi-  
lhanças do  
sensa cional  
Rocamble.



1—Os agentes que prenderam Bonnot 2—O agente Colmar, que Bonnot feriu na casa d'Ivry, sendo condecorado com a Legião d'Honra pelo chefe da policia de segurança sr. Humard 3—No momento do ataque: o tenente Fontan colocando o ultimo cartucho para a explosão 4—A garage onde os bandidos se refugiaram depois da explosão

# A PESCA DO SABEL



Diz-se que retiraram este ano desolados para as suas terras da Murtoza, Ovar, Estarreja e Ilhavo os das companhias que pescam o savel no curso do Tejo, de Vila Franca á Barquinha. Sobre diversas causas que se acumulam em prejuizo da secular industria — que podia ser das mais florescentes e rendosas — cresceram os vendavaes bravios e as grandes cheias d'um longo e tormentoso inverno que quasi parecia não alcançar termo. Foram-se os pescadores para as suas terras, tristes mas conformados, porque não ha resignação maior do que a d'eles, e de lá voltarão em dezembro á faina do rio em cujas margens demoram até terminar abril, pois é esse o seu ganha-pão, como já o era de seus avós nos mais longinquos tempos de que se conserva memoria. Descem os homens para a labuta e o savel, azul e prata, com a sua cauda em forquilha, sobe para a desova nos bancos de areia, penetrando nos afluentes e transpondo os açudes quando ficam cober-



tos de agua... O delicioso, apeteido peixe. Ainda nos ultimos fanos, entre Alhandra e Azamouja, caíam nas redes cada dia alguns milhares... Ora d'esta vez não chegaram, em media quotidiana, a duzentos! N<sup>o</sup> um lance de rede, ha vinte anos, no Minho, apanharam-se tres mil e, proximo de Vila Franca, a 29 de abril de 1889, as redes agarraram dois mil, tomando-se nota d'este numero e d'aquelle dia, como se mercessem ser marcados com um seixo branco...

Hoje, o savel, de espinhas traçoceiras, que tanta atenção de-

mandam de quem se dispõe a saboreá-lo, pouco menos é do que um manjar de gente rica...

A natureza, tão prodiga em nos liberalisar tesouros, foi para conosco extremamente avara quando houve de dis-

tribuir-nos artes que nos escassiam para saer explorar os seus dons, não os desperdiçanJo. Olhem as extensas porções de solo inculcto que esperam o arado e a semente: as longas e calvas serranias onde um ramo de arvore não viceja; as abundantes aguas interiores em que as especies da mais opulenta fauna vão minguando, mercê d' criminosos e renitente incurial!

Não será exagero que reputemos como estereis muitos dos esforços empregados no sentido de fomentar a riqueza c'itologica dos rics portugueses, porque nunca esses esforços obedeceram a um plano que

se levsse a cabo com a persistencia requerida e cujos resultados um dia se precisassem com clareza. Apenas uma entidade esteve sempre álerta e essa a mais antipatica de todas: o fisco. E assim é que, ao ver desolados os pescadores, que regressam aos seus lares queixosos da deficiencia, aliás originada em razões multiplas, da pesca no Tejo, não logramos apurar o que colheram nos outros anos nem quaes os frutos do seu labor. Ha pouco mais de vinte anos calculava-se em cem contos de réis o rendimento anual da pesca do savel; as estatisticas, que se tem indubitavelmente aperfeiçoado, não nos esclarecem hoje sobre este ponto porque... são mudas.

A partir do Mondego, para o sul, o savel não conta. Deixam de ligar-lhe interesse. Em 1907, o Minho, o Lima, o Cavado, o Douro e o Mondego forneceram, segundo as tabelas officias, 85:389 peixes d'aquella especie, que produziram 26:405\$000 réis, devendo observar-se que só o primeiro dos mencionados rios figura com o numero de 71:970,

dos quaes em abril foram pescados 28:639, ao passo que em janeiro apenas dois e em março e maio, respectivamente, 19:200 e 19:622. Do Tejo para baixo, um impenetravel silencio, pelo que respecta ao savel...

Não pareceria ocioso insistir na significação demasida eloquente de se-





Peixeira de Vila Franca

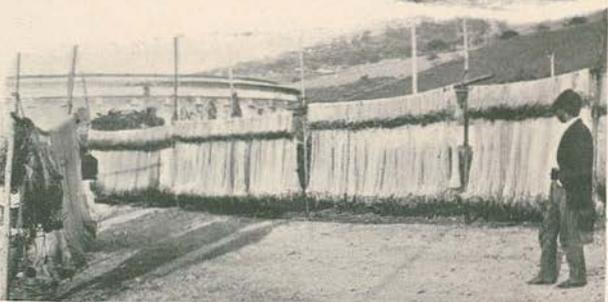


pessoas, aspeto dos mais típicos que caracterizam a colheita do savel no Tejo. A genealogia d'esso gente inconfundível, pretenderam os linhagistas entroncal-a nos gregos classicos. A despeito de degenerada pela remotíssima distancia e pelos cruzamentos e desvios atravez de tantos seculos, descobrem-lhe belezas cujas linhas e contornos se eternisaram nas esculturas helenicas, e sem duvida que não raro revivem e esplendem nos moços musculados e esbeltos como o Apoxiomeno de Lisipo e o Hermes de Praxíteles e nas raparigas de perna nua, cujos seios, pequeninos e eretos, como os da Afrodite, arfam sob a fresca blusa que mal chega á cinta, na cabeça airosa a giga do peixe e na boca o pregão musical e estridente que por vezes alterna com as expressões mais cruas do repertorio vicentino e de certos sonetos bocageanos.

São esses pescadores os visinhos, os parentes, os amigos, os camaradas d'aqueles que em Lisboa se dedicam nomeadamente á venda dos jornaes e que vivem, como os outros, em seus bairros, em su's ruas, muito adrede escolhidos, e que não perdem costumes nataes nem adquirem os da terra adoptiva a não ser por excepção, rivalisando de atividade novos e velhos, a quem o bruxulear da aurora encontra sempre despertos, pouco depois de terem vendido a ultima gazeta noturna ao tresuoiado freguez.

Em Vila Franca residem os pescadores n'uma rua em que todas as casas são por eles habitadas; em Santarem, na Ribeira, vimo-os armar suas barracas á beira do rio para aí repousarem durante a temporada da colheita. Criaturas de habitos simples, rudes mas boas, as cenas rusticas da vida da borda de agua de que são protagonistas e a sua psicologia liberta de complexidades morbidas forneceriam soberbo tema ao cultor da prosa que, ao mesmo tempo, soubesse percrutar e ler nas almas e transmitir-nos a paizagem e o ambiente domestico em que se lhes desenrola a existencia.

Julio Cesar Machado folhetinizou, ha



melhante lacuna? Como quer que seja, a verdade é que existe uma região do paiz d'onde anualmente se deslocam para os trabalhos piscatorios muitas dezenas de



dezenas de anos, sobre o «lindo pescador de savel» e, retratando-o, requestado, cantador nas horas vagas e bailador também, exclamava:

«És tu que os pescas não és, Zé? Quem se atravaria com aqueles filhos do mar, que veem desovar n'água doce, senão um peixe como tu, da água doce, da água salgada e da terra? Com essas mãos os trazes para a praia, os encanstras para seguirem no vapor e com essas mãos tiras os doces sons da banza, quando lhes roças pelas cordas com os dedos todos. Ai, bailão! Trouxeste as redes de arrastar?... Não nos arrastes a nós, toma cautela, ó cantador!»

E logo após:

«...É ele, é efetivamente ele, o cantador, o bailão, aquele que á pesca nos saveiros enche de alegria os barcos de dois bicos, ele a tocar á pòpa, ele a cantar da pròa, agora em Vila Franca, logo na ribeira de Santarem...»

Pescador de savel, ao savel se compara por graça amorosa e diz que vem do mar em procura de água doce. De resto, é ele que o traz para terra, o encanstra e o vende; vive no saveiro; quando o corpo lh'o pede vae para o barco, arma-lhe o toldo e dorme...»

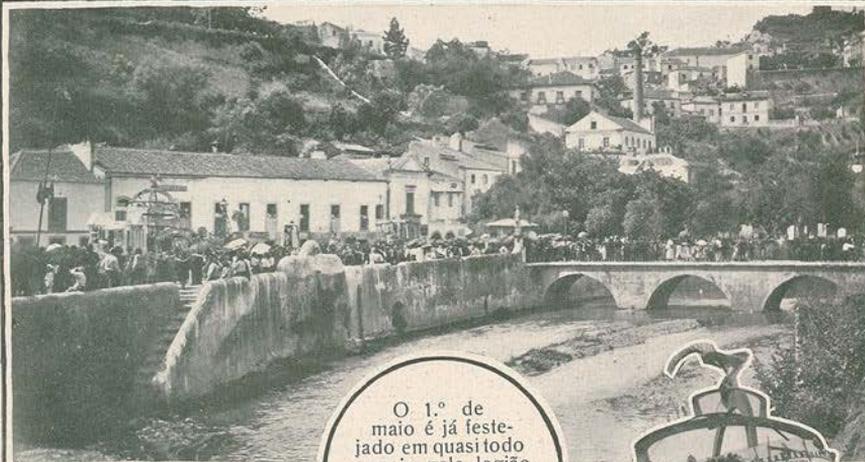
Era o romantico, de longa cabeleira anelada e lustrosa, a escrever...

Este ano, o pescador do Tejo não enchem os barcos de alegria nem de... peixe. Os vendavaes desfeiz e impediram-lh'os. E talvez que se possa acrescentar:—E também a falta de execução rigorosa e perfeitada de leis e de regulamentos, que nada valem quando apenas escritas e insertos em grossos calhamaços... Que a policia fluvial deixe de ser uma aspiração para se transformar em realidade visível e que a imprevidencia e o desmazelo não constituam mais a norma da vida publica! São pontos essenciaes estes a atender, mas outro ha ainda que cumpre não ficar no olvido:—Disfrute o savel do Tejo a honra que se outorga ao seu irmão do Minho, de ser contado e de se dizer depois quanto rendeu...

(Clichés de Benoitte)



# O 1.º DE MAIO EM ALEMQUER



O 1.º de maio é já festejado em quasi todo o paiz pela legião dos trabalhadores que faz os seus cortejos com alegorias e carros dos misteres, afirmando assim a sua solidariedade.

Não só em Lisboa e Porto essa data constitue um apoderosa manifestação, mas tambem em varios pontos da provincia, onde, como em Alemquer, os cortejos desfilarão entre aplausos da multidão que assistia á sua passagem.



1—Aspeto do cortejo saindo da Avenida Vaz Monteiro. (Fotografia do sr. Alfredo Silva) 2—Carro da fabrica do sr. José Pimentel Ramos. 3—Carro dos carpinteiros. o 1.º classificado. (Glêchê do sr. José Pimentel Ramos) 4—Carro da fabrica da Chemina. 5—Carro dos padeiros. 2.º classificado

# O PRIMEIRO DE MAIO EM VIZEU E EM MOURA



1—Vizeu: O cortejo do 1.º de Maio desfilando. No primeiro plano vê-se a Academia Vizeuense com o seu estandarte e no segundo o carro da comissão dos festejos, representando a República.

Os cortejos e as sessões comemorativas decorreram com a maior ordem.

2—Moura: A direção da Associação dos Trabalhadores Rurais de Moura, estando no centro, no primeiro plano, junto da bandeira o presidente da assembleia geral sr. Joaquim Pompeu Magno da Silva, a alma da Associação. 3—O cortejo do 1.º de Maio, começando a desfilar

Os trabalhadores rurais também tiveram a sua festa do 1.º de Maio, o que demonstra a perseverança da propaganda associativa feita em todos os meios.



# OS VOLUNTARIOS D'ALCOBAÇA EM VISITA À NASARETH



1—Depois dos exercicios do batalhão: a formatura. 2—Durante o almoço no pinhal: os guardas das tendas de campanha. 3—O almoço dos voluntarios diante dos panoiomas da Nazaré e do mar entre os serros do pinhal e do Monte Branco. (Clichés do sr. João Gomes, d'Alcobaça)

# O INSTITUTO DOS FERRO-VIARIOS



1—Na inauguração do Instituto Ferro-Viario: O presidente do governo, administradores, sub-diretores e engenheiros da Companhia dos Caminhos de Ferro e a direção dos ferro-viarios, ao champagne. 2—As decorações do Instituto: o vestibulo transformado em apeadeiro. 3—As decorações: uma locomotiva feita de folhagem e de rosas.

O «Instituto Ferro-viario» inaugurado em 5 de maio, é a agremiação onde todas as classes d'aqueles serviços são



representadas e destinadas a educar os filhos dos associados para os diversos trabalhos de caminhos de ferro, devendo a Companhia, colaboradora d'esta bela obra colocar de preferencia alunos d'esse Instituto. A' inauguração assistiram, além dos dire-



tores e engenheiros dos caminhos de ferro, os corpos gerentes da nova instituição, o presidente do conselho que enalteceu aqueles trabalhos, afirmando ao mesmo tempo a vontade do governo em associar-se a todas es-

4—O presidente do conselho e o engenheiro sr. Antonio Bossa, presidindo a sessão inaugural do Instituto Ferro-Viario. (Clichés de Benolle)



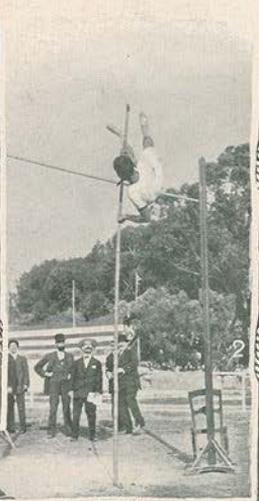
Os corpos gerentes do Instituto Ferro-Viário: 1, srs. João Assunção Matos—2, Alvaro Julio Cisneiros—3, Francisco Floga—4, Luiz Gonçalves—5, Carlos Augusto Azinães—6, David Salsa—7, Carlos Gomes Sarmento—8, Julio Assis Penedo—9, Antonio Vieira Bual—10, Daniel Monteiro Pinto—11, Antonio Matias Figueiredo—12, Alfredo d'Almeida—13, Pedro Santos Vitoria

—14, Anselmo da Cunha—15, João do Nascimento—16, Amancio Cabola Zaglo—17, Silverio de Faria—18, Antonio Gonçalves da Silva—19, Sabino Correia Junior—20, José de Sousa—21, João F. de Sousa—22, Antonio Antunes Barbaça—23, João Maria Ribeiro—24, José d'Almeida e Vasconcelos—25, Antonio Vasques—26, Manuel Rodrigues.

nas iniciativas dos trabalhadores e que represen

tam progressos d'ordem intelectual e moral.

# OS JOGOS OLYMPICOS NACIONAES



1—Alguns dos concorrentes enquanto se executavam varias provas. 2—Um salto de Paes Ramos 3—A chegada de Cortezao, vencedor na corrida de oitocentos metros. 4—Joko Lopez de Figueiredo, saltando barreiras. 5—O campeão de saltos á vara, Cabeça Ramos transpondo 3 metros. 6—A equipe do Sporting Club de Portugal vencedora na tração á corda. 7—Celestino Paes Ramos saltando 2 metros e 90 (Clichés de Benoitel)



O campeonato dos Sports Atleticos foi este ano brilhantissimo. Realisaram-se tambem os jogos olympicos nacionaes e d'ali saiu uma regular equipe para ir representar o paiz nos jogos atleticos de Stockolmo, que constituem um atrativo e são anciosamente esperados por todos os homens de sport.

Os resultados das provas deram a vi-

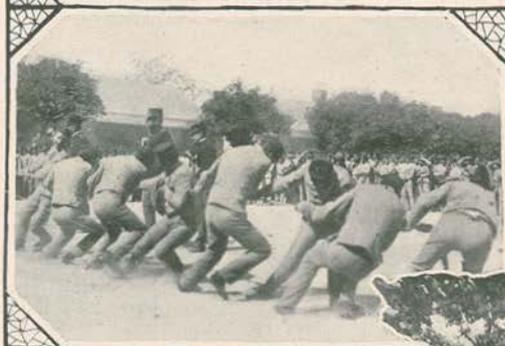


toria ao «Sporting Club Nacional» que ganhou a Taça dos jogos olympicos.

Foi esta festa mais uma afirmção do desenvolvimento do sport em Portugal, marcada por tantas e tão interessantes manifestações.



# O JURAMENTO DE BANDEIRAS NA PROVINCIA E NOS AÇORES



1—Na Figueira da Foz: O sr. major Pedrosa discursando aos soldados de artilharia 2. (Clichê do sr. Adelino Pereira) 2—Em Santarém: Na festa do juramento de bandeira em artilharia 3, um partido de luta de tração. 3—Os exercícios desportivos: um salto de cavalos. (Clichês do sr. major Rebelo) 4—O general comandante da divisão, o governador civil e capitão do porto de Ponta Delgada, no dia do juramento de bandeiras das tropas da guarnição assistindo aos exercícios desportivos. 5—Exercícios de saltos em Ponta Delgada. (Clichês do sr. Henrique Pereira da Costa)

# A EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA

A exposição de aves que se realiza anualmente na Associação de Agricultura, abriu com magníficos exemplares que tem merecido as atenções de grande numero de visitantes que ali tem ido admirar os belos animaes expostos.



1 e 2—Gansos de Toulouse, pertencentes ao sr. M. B. Anão. 3—A comissão organizadora da exposição: Da esquerda para a direita srs. Manuel Valente Serrano, Carlos Pinto Coelho, Amaro d'Azevedo e Castro, Harold Mascarenhas e Manuel Castelo Branco.

4—Peru bronzeado americano, pertencente ao sr. M. B. Anão. 5—Wandottes brancos do sr. Carlos Augusto de Barros. 6—Galinha holandesa de papo branca, pertencente ao sr. Azevedo e Castro.

EXERCÍCIOS DO CORPO  
SANITÁRIO FEMININO INGLEZ.



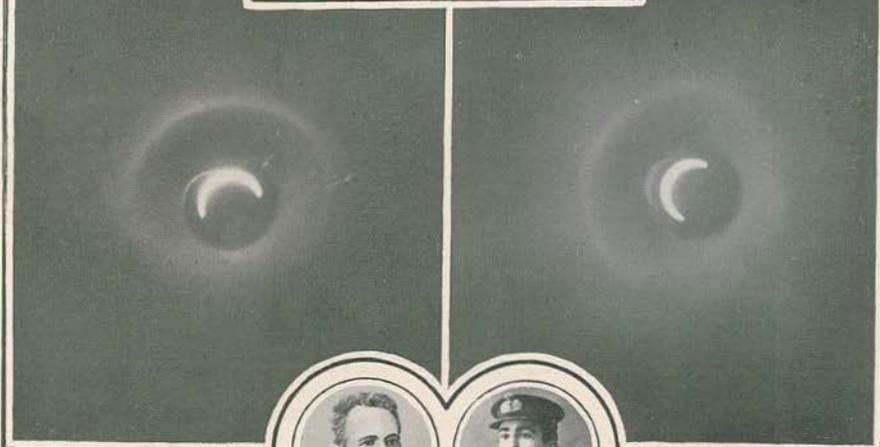
1—A corneta do batalhão sanitário feminino inglês. 2—Os batalhões no campo.

As mulheres inglesas acabam de dar um enorme desenvolvimento ao seu batalhão sanitário que se emprega no serviço do exercito com a maior dedicação e proficiência



3—Levando a palha para as tendas. 4—Ao erguer das tendas

# AINDA O ECLIPSE

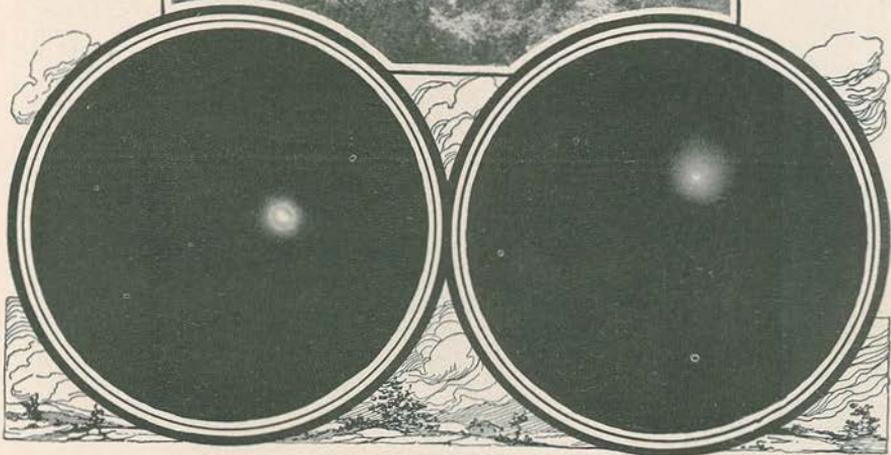


Reproduzi já a «Ilustração Portuguesa» um dos interessantes clichés tirados pela missão da Escola Naval, que foi observar o eclipse no alto do Picoto, a 1 kilometro de Vila Meã. Os trabalhos da missão de que era chefe o ilustre diretor da Escola Naval, sr. Nunes da Mata, foram



dos mais inteligentes e conscienciosos realizados entre nós. O operador fotografico foi o distinto estudante da mesma escola, sr. Juliano de Carvalho.

Os instrumentos, de que a missão se serviu, são dos mais modernos e aperfeiçoados.



1 e 2—O eclipse observado na Povoia de Varzim: Duas fases com intervalo de 10 minutos. (Cliché Avelino Barros) 3—Sr. Nunes da Mata, diretor da Escola Naval. 4—Sr. Juliano de Carvalho, aspirante de marinha. 5—A missão da Escola Naval analisando o eclipse. (Cliché de Juliano de Carvalho) 6—Fase do eclipse em Lisboa às 11.17.4" 7—Fase do eclipse em Lisboa às 11.38.1" maximo de sombra. (Clichés do sr. Carlos Mergulhão)

# FIGURAS E FACTOS



A quem deducos de  
"Ilustres Portuguezes"

Agradeço-vos  
a gentileza em  
me me honrares  
fazendo publicar  
este humilde figurão...



Sempre em vós, meu  
leitor e um a affirmar  
domei-me, retribuído,  
at. B. J. M.  
W. Monteiro



1—Uma recita de amadores no teatro de Mafra: Os personagens da opereta *A oração*, com o seu ensaiador, sr. Oliveira Gomes (Cliché Costa Junior) 2—General Araujo Veiga, falecido em 3 de maio. 3—Dr. Francisco José de Medeiros, juiz presidente do Supremo Tribunal de Justiça, falecido no dia 6 de maio, em Sabrosa. 4—Dr. Manuel Jesus Lino, falecido em 4 de maio. 5—Como o illustre caricaturista Manuel Monteiro nos agradeceu gentilmente a noticia de um dos seus primorosos trabalhos. 6—O ator Carlos Bayard, falecido em 3 de maio. 7—O «grupo dramatico academico musical João Pedro Ferreira», de Évora (Cliché do sr. Meo d'Abreu)



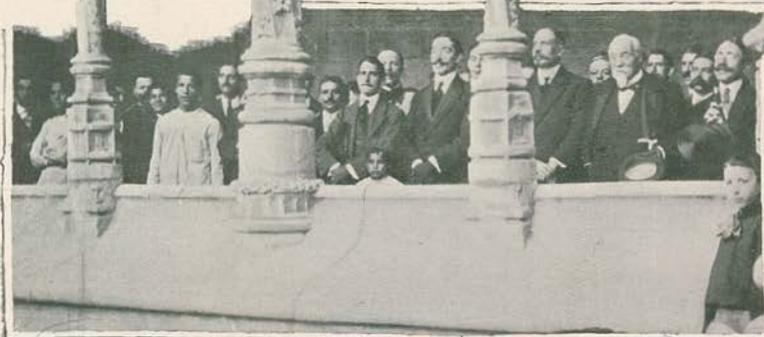
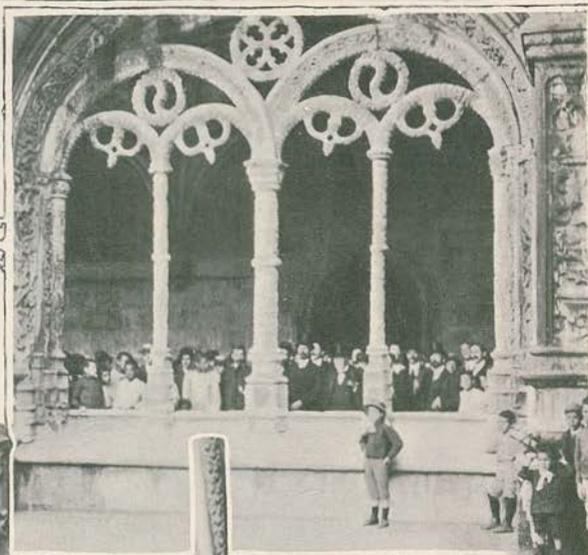
1—Sr. dr. Oliveira Namorado, falecido em 30 de abril. 2—Sr. dr. João de Deus Ramos, novo governador civil da Guarda. 3—Sr.ª D. Virginia Suggia, a ilustre pianista portuguesa que obteve agora um grande successo em Paris. 4—O grande poeta Frederico Mistral, presidente do comité para o monumento a Camões, em Paris. 5—Sr. Ulta Martins, autor do livro de contos *Quadros Fios*. 6—Os accusados de conspiração, cujo julgamento ficou adiado em 30 de abril: sr. Fernando Mota Cardoso, dr. Carlos Garcia, Fonseca Oliveira, Manuel Mendes e Francisco Ferraz. 7—A sala do palacio de Belem onde, em 30 de abril, o Presidente da Republica offerceu um banquete ao corpo diplomatico e ao ministerio—(Clichés de Benoliel)

# A VISITA DO CHEFE DO ESTADO À CASA PIA



1—O chefe do Estado tendo á sua esquerda o provedor da Casa Pia e o ministro do Interior e á direita o diretor do estabelecimento sr. Alfredo Soares

O chefe do Estado esteve em 1 de maio na Casa Pia de Lisboa, continuando assim a serie das suas visitas a estabelecimentos de ensino ficando verdadeiramente satisfeito com a boa ordem, disciplina e metodo d'estudo existentes n'aquelle instituto.



2—Entre as arcarias rendilhadas. 3—O Presidente da Republica, m'nistro do Interior e o provedor da Casa Pia no claustro



1 e 2—O aluno Floriano Rodrigues e a aluna D. Beatriz Batista, que tomaram parte na festa.



3—Sr.<sup>a</sup> D. Josefa Martinez, professora de harpa no Conservatório.



4—Sr. Francisco Baia, diretor do Conservatório.



5—Sr. Augusto Machado ilustre maestro.



6—Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Xavier Prazão, distinta harpista que tomou parte na festa



7 e 8—Os ilustres maestros Fretas Gazul professor da orquestra e Guilherme Ribeiro.



O ORFEON DAS ALUNAS  
DO CONSERVATORIO QUE REALISA-  
RAM UMA GRANDE  
FESTA SOB A DIREÇÃO DE DISTINTOS PROFESSORES D'AQUELA ESCOLA

# O 1º DE MAIO EM LISBOA



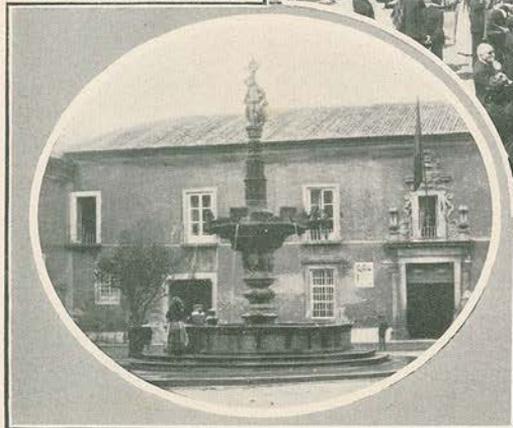
1—José Fontana o grande apóstolo do movimento operário e cujo túmulo os manifestantes do 1.º de Maio visitaram. 2—Aspecto do comício socialista, na rua Maria Pia. 3 e 4—Guedes Quintanilha e Azedo Gueco, devotados propagandistas operários, cujas sepulturas foram visitadas pelos manifestantes, no 1.º de maio; 5—As agremiações operárias junto ao túmulo de José Fontana, nos Prazeres.



Um aspeto do comício socialista, no dia 1.º de Maio, na Rua Maria Pia

(Clichés de Benoitel)

# O CONGRESSO REPUBLICANO EM BRAGA

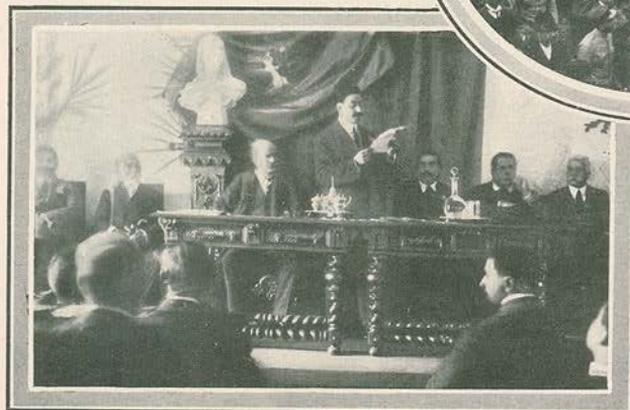


o Congresso, passasse a intitular-se Partido Republicano Portuguez.

Na sessão final foi reeleito o antigo Directorio a que preside o sr. dr. Teófilo Braga e o sr. dr. Afonso Costa fez um discurso condenando a politica pessoal, mostrando-se deseioso de se-

Reuniu em Braga o Congresso Republicano. Foi nas salas do palacio arqui-episcopal, alugado pelo Directorio ao ministerio da justiça, que se realisaram as sessões, ás quaes concorreram uns setecentos congressistas

Dos vultos eminentes do partido compareceram os srs. drs. Afonso Costa, Estevão de Vasconcelos, Bernardino Machado e o coronel sr. Correia Barreto que fizeram as mais rasgadas afirmações radicaes, deliberando-se por aclamação que o partido democratico, que estava em grande maioria



1—O paço arqui-episcopal de Braga onde se realisou o Congresso 2—O cortejo organizado em honra dos congressistas 3—O sr. dr. Afonso Costa 4—o ministro do fomento passando de carruagem junto ao arco novo, em Braga, seguidos pela multidão 4—O sr. dr. Manuel Monteiro na primeira sessão do Congresso, secretariado pelo sr. Martins de Lima e Mariano Feigueiras (Clichés de Carlos Pereira Cardoso)

guir pelo caminho unico coerente com as suas idéas: o da mais estrita defeza da Republica.

A cidade de Braga recebeu com entusiasmo os visitantes.

# •O DESASTRE DO AVIADOR VEDRINES.



Vedrine que caiu da altura de 200 metros no seu raid Paris-Bruxelas está livre de perigo e recebeu no hospital a



visita do coronel Hischaner, chefe dos serviços aeronauticos, que lhe foi entregar a Legião de Honra.



1—Os restos do aparelho. 2—O aviador Vedrine que caiu do seu monoplano da altura de 200 metros á passagem sobre o forte de Briche no Epinay, quando tomava parte no raid aereo Bruxelas-Paris. 3—Os restos do aparelho junto á linha ferrea. (Clichés Delius)

# CONTINGENTE PARA MOÇAMBIQUE

Um contingente de soldados de artilharia e infantaria embarcou no *Africa* com destino a Moçambique, a fim de que possam ser destacadas forças d'aquela pro-

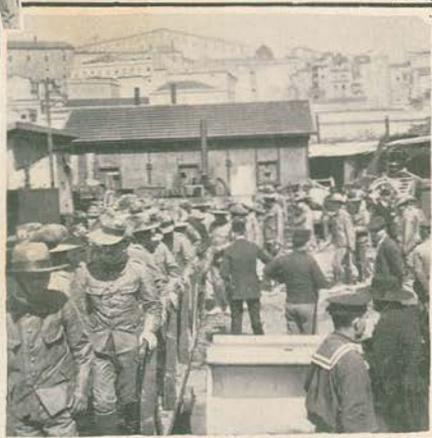
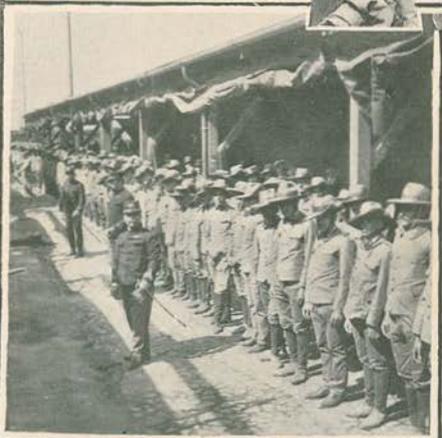
rar ali com a presença de tropas mais completa tranquilidade.

E' sobretudo na região d'Okussi que é maior a agitação provocada por medidas



vincia para Timor, onde os regulos fizeram ha pouco um movimento de revolta que as nossas autoridades sufocaram sendo necessario, todavia, assegura-

políticas para com o regulo, cujo pae foi um tão dedicado amigo de Portugal que seus filhos foram educados á custa do governo na colonia de Macau.



1—No tombadilho do *Africa* os soldados da coluna. 2—Os officiaes da coluna ao centro o comandante, tendo á direita os srs. tenente Ribeiro da Fonseca e alferes Cidrães e á esquerda os srs. tenente Domingos Vicente e alferes Cabeçadas. 3—A despreocupação dos soldados expedicionarios. 4—A coluna formada antes do embarque. 5—O embarque das tropas.—(Clichés de Benoliel)